

A utopia de Brasília e a contradição nacional

James Holston reavalia as idéias sobre a capital que foram registradas em livro

A afirmação de um poeta segundo a qual existe uma enorme "distância entre a intenção e o gesto", se aplica perfeitamente à utopia da construção de Brasília. Isto é o que sustenta o professor e antropólogo norte-americano, James Holston. Ele é autor de uma tese polêmica — transformada em livro — sobre a transferência da Capital, do Rio de Janeiro para o Planalto Central: *A Cidade Modernista — uma crítica de sua Utopia*.

— Brasília — diz ele, após morar dois anos na cidade — não cumpriu a sua finalidade principal: ser um padrão de desenvolvimento para o Brasil. Cumpriu apenas a sua finalidade utópica. Na sua construção, ficou claro que fatores utópicos não poderiam ser eliminados do planejamento, do imaginário do Estado. Mas a sua edificação excluiu os seus construtores, os candangos, que foram literalmente expulsos para a periferia, ou seja, as cidades-satélites.

Romper o tradicional — Falando um português fluente — ele só se embaraça na contração "na", que ele sempre chama de "no" — o autor de *A Cidade Modernista* assegura que tanto o então governo do presidente Juscelino Kubitschek, como os arquitetos que projetaram Brasília — Lúcio Costa e Oscar Niemeyer — queriam "romper o tradicional e fazer uma cidade modernista no Brasil, capaz de romper com a tradição entre o novo e o velho".

— A idéia — acrescentou — era romper com o restante do País, não apenas no sentido urbanístico, mas, também, com um tipo de sociedade colonial e atrasada. Mas tudo não passou de um plano brilhante, de uma utopia. Brasília foi planejada numa perspectiva mitológica, em nível de Roma, Grécia e Egito, por exemplo. Entretanto, não cumpriu a sua finalidade social.

Desfamiliarização — Holston reverencia o modernismo arquitetônico de Brasília. Porém, não poupa críticas à sua funcionalidade. Ele diz que "houve uma desfamiliarização" total, com a expulsão dos candangos para a periferia; que a cidade "excluiu seus operários da construção civil". E que o padrão arquitetônico de Brasília decretou "a morte da rua, praças e esquinas".

— Essa negação da história — acrescentou — também implica no desprezo de Brasília pelo Brasil atual. O governo quis realizar um milagre no dia 21 de abril de 1960 — quando a nova Capital foi inaugurada — e o que restou foi uma cidade modernista, brilhante de sol, mas vazia, pronta para receber a população dos funcionários públicos, negando uma população candanga de 30 mil pessoas, que vieram para cá a procura da terra prometida. Ao término da construção

PAOLA ANTONY



James Holston morou em Brasília dois anos, critica mas adora a cidade

de Brasília, seus operários não tinham aonde morar.

A história de fora — Neste sentido, "ao contrário do que deveria ser uma cidade realmente modernista", Holston acrescenta que Brasília "colocou a sua história fora de si mesma: os candangos teriam que voltar a seus lugares de origem. Entretanto, ocorreu a vingança: os 30 mil candangos se revoltaram contra o seu destino maldito e obrigaram o Governo a construir as cidades-satélites. A primeira foi o Núcleo Bandeirante, que foi construída para ser destruída".

História oficial — "No (sic) Capital do futuro", acrescentou, "paradoxalmente, não havia lugar para os seus construtores. E o que ocorreu? Eles se revoltaram, ganharam o apoio dos comerciantes, para continuação do Núcleo Bandeirante. Essa história é pouco conhecida, não é uma história oficial. Os candangos se organizaram e criaram favelas, como a Vila Sara Kubitschek, além de outras invasões".

Esse movimento, assegura Holston, acabou por vencer o governo. "Os candangos usaram o discurso nacionalista e desenvolvimentista do presidente JK e ficaram aqui mesmo.

Não no Plano Piloto, concebido para abrigar uma casta de funcionários públicos e segmentos da classe média. Os candangos, assim como as demais classes sociais abastadas — funcionário público ou não — são cidadãos brasileiros e é importante enfatizar isto".

Dois sociedades — Na concepção do autor de *A Cidade Modernista*, a construção de Brasília provocou o aparecimento de várias sociedades. Ele prefere exemplificar apenas duas: a que tinha direito a moradia e a que fora excluída desse direito. "De um lado, a sociedade privilegiada, que tinha direito ao acesso à moradia no Plano Piloto, em função do seu status quo. E a outra, excluída, um enorme segmento da população que fora literalmente expulsa para a periferia".

— Eu acho que essa estratificação social — acrescentou — fora embutida na própria concepção da cidade. A estratificação não era social. Há vários tipos de estratificação social: de classe e de status. Este último é legalizado e brutal. Nem com dinheiro foi possível aos construtores da cidade, aos operários, romperem o cerco e conseguirem moradia no Plano Pilo-

to, ou seja, em Brasília, pois aqui eles não conseguiram apartamentos funcionais. E os aluguéis continuam caros e inacessíveis".

Lógica social — Holston não entende porque, sendo comunista os arquitetos que fizeram o projeto de Brasília, a cidade discriminou os seus candangos. "Os arquitetos acham que suas intenções são perfeitamente realizáveis no projeto e culpam as forças externas pelo desvirtuamento desses mesmos projetos. Essas forças externas, para eles, se corporificam no capitalismo e na sua cultura".

O crítico norte-americano diz que "a gente tem que analisar mais profundamente duas coisas: qual é a lógica social embutida num determinado projeto arquitetônico? Toda arquitetura, responde, é lógica e social. Segundo: é preciso ver se essa lógica "bata ou não com as intenções. Do contrário, teremos um enorme abismo entre o discurso e a prática desse discurso. Não dá para simplesmente confiar nas palavras dos interessados, no caso, dos arquitetos".

Ocupação dos espaços — Afirmando que tomou Brasília apenas "Como o modelo mais perfeito de cidade modernista", James Holston, é partidário da tese segundo a qual os arquitetos precisam trabalhar mais com antropólogos, sociólogos e outras categorias profissionais, "para que possam entender que a produção e a ocupação do espaço é uma coisa social, no qual uma determinada arquitetura tem uma coisa muito em comum. Isto quer dizer que as críticas têm que ser feitas não nos termos que os interessados esperam".

— Eu reconheço — acrescentou — que Brasília é um sucesso para os brasilienses. Mas eu acho suspeita essa opinião, porque a nova Capital foi construída a um custo social muito grande. E questiono tudo isso: a sua funcionalidade e o seu sentido social. Brasília hoje representa uma espécie de abismo entre o restante do País. O Plano Piloto existe bonitinho assim para colocar de fora o resto do Brasil.

Custo social — Esse custo social, na visão de Holston, se materializa naquilo que ele chama de "parcela muito grande do orçamento da União, que Brasília absorve. Vale dizer que todo contribuinte paga esse custo, para manter artificialmente uma cidade que foi estruturada para se fechar em si mesma. E o custo social disso tudo é hoje, também, um grande índice de acidentes de trânsito, que é estimulado por esse novo tipo de urbanismo modernista, de organização social que encontramos em Brasília".

Os problemas aqui são muito sérios, acrescentou. "Não há respeito aos direitos civis. Não pode haver democracia sem leis que não têm dentes. A lei não pode punir apenas os pobres. Os acidentes de trânsito registrados em Brasília não têm razão de ser, teoricamente falando, porque não há cruzamentos. Parece que todos querem ser um novo Ayrton Senna".

■ José Menezes de Moraes

Estudando a religiosidade

Brasília atrai as atenções de James Holston não apenas no seu aspecto urbanístico de modernidade. Ele atualmente desenvolve um outro tipo de pesquisa na cidade, investigando o fenômeno religioso, com estudos comparativos extensivos aos estados do Rio de Janeiro e da Bahia. Ao mesmo tempo, estuda ainda o fenômeno operário em São Paulo, onde, aliás, se encontra desde o dia 26.

"Em São Paulo", acrescentou, "estou fazendo pesquisas de campo na zona leste, no bairro de São Miguel Paulista, uma periferia operária. Sempre me interessei pelos estudos da autoconstrução — não apenas no sentido arquitetônico — mas também no sentido do novo cidadão. Sempre me despertou curiosidade o projeto de modernidade em Brasília e neste sentido, o Brasil sempre me atraiu muito".

Exuberância e perversidade — A exemplo de outros países ocidentais, James Holston considera o Brasil um país de contrastes. "Aqui há exuberância e

perversidade. E Brasília, para mim, sempre cristalizou esse processo, com o seu modelo de estado nacional, que é o projeto do Estado-Nação, no sentido de construção de novas esferas públicas, através de instrumentos e de iniciativas arquitetônicas, urbanismo, código de saúde, de burocracia racional e economia planejada, entre outros".

Por outro lado, acrescentou, existe "um ator histórico da maior importância: as massas, o povo, que também tem o seu projeto de modernidade, de religião, de autoconstrução, com suas reivindicações estéticas de consumo, cultural etc., que são processos institucionais e não intencionais, fortalecendo o desenvolvimento e pervertendo os projetos do Estado-Nação, como foi — e é — o caso de Brasília".

Ele exemplifica: a classe média do Plano Piloto rejeitou os Clubes de Vizinhança. "A minha crítica de Brasília não nasceu pelo fato do seu projeto social igualitário ter sido montado em cima do vazio, em cima de um projeto social igualitário inexistente. Aqui, o choque entre o real e o inexistente poderia ter sido uma coisa positiva. Mas o Plano Piloto negou a possibilidade dessa perspectiva. E, desta forma, o futuro só existiu nas pranchetas dos arquitetos, nos planos oficiais e no imaginário do Estado".

Um escritor que critica mas ama Brasília

Ele diz que adora a noite e o clima seco da capital

Nem tudo é motivo de críticas na metralhadora semântica do antropólogo James Holston, com relação a Brasília. Ele se confessa "constrangido", por ser um estrangeiro, que vem ao Brasil para falar mal de Brasília. "Mas eu amo loucamente as noites brasilienses, o seu clima noturno é maravilhoso. Além do clima, eu gosto muito do espírito de Brasília, daqueles pioneiros que provaram, com suor e sangue, que a força do trabalho é realmente transformadora".

Holston diz gostar também do chamado jeitinho brasileiro. "Não no sentido da esperteza, mas no sentido de inventar, criar, fazer, resolver os problemas a partir quase do nada, com os instrumentos disponíveis. Eu gosto muito desse espírito candango, do quebra-galho, do gosto pela invenção e da imaginação. Isso me fascina.

O oposto a tudo isso é o tombamento que congela o futuro imaginado, num presente que eu considero por demais mesquinho. Ele não tem nada a ver com o espírito do presente".

Um mundo melhor — Holston vê no brasileiro — e no brasiliense, em particular — "uma predisposição para criar o novo, inventar um mundo melhor, usando apenas o que têm as mãos. É o caso dos nordestinos que vieram para cá no início da construção de Brasília e se prostravam em frente a Terracap, segurando foices, martelos, pá, etc. para conseguir — e conseguiram — emprego. Isso é fantástico. A prova é que Brasília foi construída em apenas três anos".

O livro *A Cidade Modernista — uma Crítica de Brasília e sua Utopia* — foi escrito originalmente em inglês, em 1989. A sua tradução brasileira, deste ano de 1993, feita por Marcelo Coelho, é editada Companhia das Letras. Tem 632 páginas, é ilustrada com fotografias de Brasília, de outros estados, mas sobretudo com plantas e maquetes de Brasília. Contém dados sobre a extensão geográfica da cidade, população, índices inflacionários e salário mínimo, até 1980. É um livro polêmico, para os que não aceitam a crítica que o autor faz da Capital da República, hoje com 33 anos, emancipada politicamente e com uma Lei Orgânica própria.